

Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Fernandes Figueira
Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher

**SOBRE O TEMPO NO CORPO E NA ALMA:
Um estudo sobre o envelhecimento feminino na
contemporaneidade**

Jorgina Teixeira Lobo

Rio de Janeiro
Fevereiro - 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

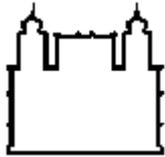


Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Fernandes Figueira
Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher

**SOBRE O TEMPO NO CORPO E NA ALMA:
Um estudo sobre o envelhecimento feminino na
contemporaneidade**

Jorgina Teixeira Lobo

Rio de Janeiro
Fevereiro – 2007



Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Fernandes Figueira
Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher

**SOBRE O TEMPO NO CORPO E NA ALMA:
Um estudo sobre o envelhecimento feminino na
contemporaneidade**

Jorgina Teixeira Lobo

Tese apresentada à Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher, como parte do requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Orientador: Professor Doutor Romeu Gomes

Rio de Janeiro
Fevereiro - 2007

Para

Maria Julia, minha neta maravilhosa, o mais-além do meu amor, a
grandeza do inimaginável.

Bianca e Thaís, minhas filhas lindas, representações do meu
mundo, da minha vida, o sentido de tudo.

Vagner, meu filho-genro, a luz e a brisa especial, o amor do amor.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Romeu Gomes, meu orientador, pela confiança e dedicação o que tornou possível a conclusão desta tese.

Às doutoras Alice Salgueiro do Nascimento Marinho, Andréa Moraes Alves, Ludmila Fontenele Cavalcanti, membros da banca examinadora, pelas valiosas contribuições.

À coordenação e ao corpo docente da Pós-Graduação do Instituto Fernandes Figueira/FIOCRUZ, pela dedicação e sabedoria com que conduzem o curso e transmitem seus conhecimentos.

Aos membros da Secretaria Acadêmica, pela atenção e em especial à Maria Alice por seu jeito afetuoso de absorver as minhas inquietações.

Aos colegas da turma de 2003 pela convivência e pelas trocas enriquecedoras durante o curso.

À Alice Marinho, Edna Maria Médici, Elaine Nascimento, Joséria Goldfelf, Helena Melo, Luciana Zucco, Luís Viegas, Luis Felipe, pela presença, pela troca e pelo incentivo.

Ao Renato, meu amigo querido, pelo companheirismo e pelos momentos de descontração e ternura.

Ao meu irmão Ernani, pelo apoio e carinho, pela presença em todos os momentos da minha vida e pelo grande homem que é.

À minha querida e especial amiga Angela Hygino, pelo acolhimento e respeito nas horas de dor, pelas incontáveis horas de troca, pela incansável dedicação e pela força que não me deixou desistir.

Ao Conrado Hygino, pela afetuosa e solidária convivência. Pelo toque de leveza à vida.

Às mulheres que participaram deste estudo por revelarem as suas histórias e suas delicadas experiências, matéria prima desta tese.

A CAPES, pelo apoio financeiro na execução logística da tese.

RESUMO

Esta tese analisa as representações das principais mudanças e experiências vivenciadas por mulheres na fase da vida compreendida entre os 50 e 60 anos de idade, bem como as suas repercussões na subjetividade e na auto-imagem feminina. A metodologia é fundamentada na abordagem qualitativa, sendo utilizado o estudo de caso em uma perspectiva sócio-antropológica. A entrevista semi-estruturada serviu de instrumento para a realização do trabalho empírico, sendo a técnica do “*universo familiar*” utilizada para a captação dos sujeitos. A análise de conteúdo, na modalidade temática, foi utilizada como recurso instrumental para a compreensão e análise do material coletado nas entrevistas. Os resultados da pesquisa apontam que as mudanças observadas nesta fase da vida são representadas como indicativas do início do processo de envelhecimento conformadas em uma imagem ambivalente e sem contornos definidos. Esta indefinição e ambivalência revelam que tais mudanças promovem uma desorganização nas suas referências de identificação e de reconhecimento e uma conseqüente desconstrução na auto-imagem feminina. O contexto sócio-cultural contemporâneo de valorização do corpo jovem e de beleza é destacado pelas mulheres como um fator que potencializa e torna ainda mais agudas as vivências neste período. As políticas sociais e de assistência não reservam projetos que absorvam as demandas das mulheres nesta fase da vida. Neste sentido, este estudo sugere como necessária e relevante a implementação de uma política de assistência interdisciplinar que inclua um espaço de escuta diferenciado que possa atender às particularidades que se fazem presentes *nesta fase da vida da mulher*, pois

neste período há ainda a possibilidade de uma plasticidade psíquica tornando viável uma ressignificação simbólica capaz de redimensionar subjetivamente uma nova condição de existência em um porvir.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento, Antropologia cultural, Mulheres e Saúde da Mulher.

ABSTRACT

This thesis analyses the main changes lived and experienced by women in between their 50's and 60's, as well as, the subjective repercussions on their own feminine self image. The methodology is well-founded in a qualitative approach, in which a case study is used, in a social anthropological perspective. The semi structured interview was used as an instrument to accomplish the empiric work, in which the "family universe" technique was used to captivate the individuals, in the theme modality. The content analyses, was used as an instrumental resource for the comprehension and analyses of the gathered interview material. The results of the research show that the changes observed in this phase of life are represented by the indication of the beginning of the aging process in an ambivalent image, without contour definitions. This ambivalence and lack of definition reveals that these changes create disorganization in the identification references, as well as, on those of self recognition and also a consequent deconstruction of the woman's self image. The social cultural contemporaneous context of valorization of the young body and beauty is detached by women as a factor that potentizes and makes the experiences of this period of life even more painful. The social and political policies do not prepare projects that could absorb and attend women's demands in this period of life. In this sense, this study suggests the necessity and relevancy of a multiple staff of various professionals acting together. Interested in these women's demands and needs during this delicate time of their lives, but never forgetting that they still have a lot of psychic capacity of

adaptation and that they are able to dimension again symbolically and subjectively a new condition of life to come.

Key Words: Aging, Cultural anthropology, women, and woman's health.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
ABSTRACT	viii
INTRODUÇÃO	12
Capítulo 1: O Objeto da Pesquisa e sua construção.....	15
Capítulo 2: Referências Conceituais	25
Capítulo 3: Metodologia da Pesquisa.....	36
3.1 - Os sujeitos da pesquisa.....	38
3.2 - A Coleta de Informações	41
3.3 - Análise das Informações.....	44
3.4 - Operacionalização da Análise	46
Capítulo 4: Sobre as Mulheres Entrevistadas	48
4.1 - A geração e o cenário que compuseram suas vidas	48
4.2 - Apresentando as entrevistadas	50
Capítulo 5: Representações sobre as principais mudanças vivenciadas pelas mulheres na fase dos 50 aos 60 anos.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
ANEXOS	144

***Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?***
(Cecília Meireles - Retrato)

***Espelho, pari a mulher velha que não gestei.
Sem leite ou colo, acalanto o espanto.***
(Clarisse, 56 anos)

INTRODUÇÃO

As experiências que atravessam a vida da mulher no período compreendido entre os 50 e 60 anos de idade evidenciam uma fase marcada por grandes mudanças. Em termos biológicos, a entrada no ciclo climatérico-menopausa culmina com o fim do ciclo reprodutivo natural; no corpo físico, algumas alterações começam também a se fazer notar na aparência como um todo. A aposentaria, a maior independência dos filhos, o casamento destes ou sua saída de casa, o nascimento de netos, o cuidado com pais idosos, possíveis crises conjugais ou mesmo separações, são, dentre outros, fatos se fazem presentes nesta fase da vida. Estes eventos, alguns previsíveis, parecem *'tomar de assalto'* a existência das mulheres promovendo uma certa inflexão no cotidiano de suas vidas. Tais vivências, para além das repercussões biológicas e sociais, desvelam também questões de ordem subjetiva, nem sempre claramente identificadas. A tendência de justificar a vivência de todos os incômodos nesta fase da vida ao evento da menopausa se revela uma resposta determinante que marca ainda, a tradicional racionalidade e hegemonia do discurso e do saber médico sobre o corpo feminino. Entretanto, devido à concomitância de situações que se cruzam neste período, tal justificativa mostra-se insuficiente e até mesmo ultrapassada no contexto de globalização da modernidade.

Assim, absorvendo aquilo que o biológico impõe, mas não ficando a ele limitada, analisei como as mulheres vivenciam as mudanças e experiências nesta fase da vida, como as representam e quais as suas possíveis repercussões na subjetividade e auto-imagem feminina.

O interesse por este tipo de estudo tem origem na minha experiência clínica em atendimento psicoterápico que, nas últimas décadas, tem sido marcada por uma busca significativa de mulheres nesta faixa etária. Suas queixas, específicas ou difusas, configuram vivências angustiantes que colocam em relevo a historicidade de suas vidas. Preocupações permeadas pela evidência e pela conscientização da passagem dos anos revelam-se como pontos focais de suas inquietações. Entretanto, ultrapassando as fronteiras demarcadas pela demanda clínica, minha escuta cotidiana de mulheres nesta mesma faixa etária é também desenhada por discursos e sentimentos bastante semelhantes àqueles contidos no espaço privado do consultório.

Assim, visando ampliar a compreensão das vivências das mulheres nesta fase da vida, a apresentação desta tese é organizada em cinco capítulos.

Inicialmente, no primeiro capítulo, apresentei a construção do objeto de estudo, os objetivos, bem como os pressupostos norteadores deste trabalho. Destaquei também os diversos estudos que abordam o tema investigado delineando assim o estado da arte.

No segundo capítulo abordei as referências conceituais, sendo estas pautadas nos conceitos de corpo, de auto-imagem e de envelhecimento considerados a partir de uma visão subjetiva e abordados segundo os princípios da psicanálise. Tais conceitos foram articulados à noção de representação sob uma perspectiva dinâmica.

O terceiro capítulo delimita o percurso metodológico no qual fundamentei esta investigação. Nele, identifiquei também os sujeitos da pesquisa e delineei os procedimentos utilizados para a coleta das informações, para a análise das informações e sua operacionalização.

Dedico o quarto capítulo às mulheres entrevistadas apresentando um esboço contextual dos aspectos socioculturais que marcaram o curso do desenvolvimento de suas vidas. Traço também um perfil resumido da história de vida de cada delas.

No quinto capítulo apresento as representações das mulheres acerca das principais mudanças vivenciadas nesta fase de suas vidas, analiso suas possíveis repercussões na subjetividade e na auto-imagem feminina estabelecendo uma interlocução com o referencial teórico adotado.

Concluí a tese com as considerações finais apresentando uma reflexão sobre as especificidades das vivências das mulheres nesta faixa etária, bem como seus sentimentos e os possíveis desdobramentos dessas experiências. Destaco ainda a necessidade de implementação de políticas públicas, sociais e assistenciais, bem como a capacitação e formação de profissionais na área da saúde que possam absorver as especificidades e as necessidades que envolvem a existência da mulher neste período. Ressalto ainda a importância de um incremento de pesquisas nesta área.

Capítulo 1: O Objeto da Pesquisa e sua construção

Como já referido anteriormente, as mudanças e as experiências vivenciadas por mulheres entre os 50 e 60 anos de idade é o objeto de estudo desta investigação. As inquietações decorrentes da minha experiência clínica e da observação cotidiana de mulheres entre os 50 e 60 anos de idade foram determinantes para a investigação do tema.

Nas últimas décadas tenho observado um incremento na demanda por atendimento psicoterápica de mulheres nesta faixa etária que, habitualmente é justificada por um intenso sofrimento, angústia e sintomas que caracterizam um quadro típico de um estado depressivo. Este quadro, na maioria das vezes, tem relação com alguma conjuntura específica, freqüentemente, decorrente de conflitos nas relações com seus companheiros ou maridos, seguidos ou não separações. Outras vezes, sentimentos aflitivos geram um certo mal-estar difuso sem, no entanto, haver um fato objetivo que o justifique. Dos diversos sintomas físicos, até então nunca experimentados, às ansiedades intermitentes, somam-se também inúmeras vivências cotidianas que acabam por revelar, através de falas impregnadas de questionamentos e sentimentos paradoxais, uma certa inquietação existencial.

Extrapolando os limites da clínica, observei, em conversas informais com mulheres circunscritas a meu universo familiar, que algumas inquietações presentes nas queixas de minhas pacientes, também se fazem presentes no cotidiano de suas vidas.

Assim, verifiquei que independentemente de haver uma queixa ou uma situação pontual que justifique a busca de ajuda profissional, uma considerável

parcela de mulheres nessa fase da vida parece atravessar um momento permeado experiências semelhantes, conflitivas e, até mesmo, angustiantes.

Afinal, o que estaria deflagrando nestas mulheres tamanho desconforto? Estas vivências e sentimentos poderiam conformar um perfil característico desta fase da vida das mulheres?

A teorização leiga tecida pelas mulheres a respeito destas vivências passava, explícita ou implicitamente, pela hipótese que considera a idade como um dos principais fatores que podia estar gerando tamanho mal-estar. Observei que os relatos sobre suas lutas e conquistas ao longo da vida conjugavam-se aos dissabores e aflições relativas às situações já vividas ou que estão sendo experimentadas. Um certo desgaste físico e emocional no enfrentamento de adversidades, tais como, as preocupações e conflitos com os filhos, agora, já mais independentes; a doença ou uma maior fragilidade dos pais já idosos, dependentes de seus cuidados e atenção, por vezes, tiravam-lhes o fôlego. Situações como a doença ou morte de parentes ou amigos próximos, os conflitos, as separações e as insatisfações conjugais eram motivos de apreensão, inquietação e/ou sofrimento. A preocupação com a saúde, com a aparência e com o futuro apresenta-se também neste imenso caldeirão existencial. Da síntese dessas vivências emergia um balanço de suas vidas.

A conscientização da passagem do tempo parecia exercer um papel relevante neste 'balanço existencial'. Em suas falas, sentimentos paradoxais se mostravam evidentes. Por um lado, expressavam um certo orgulho de todo o vivido e ainda um intenso vigor de desejos e planos, por vezes, contemporizados pelo tempo – o tanto que já havia passado e a incerteza do quanto e do que ainda estava por vir. A certeza de que já não eram mais as

mesmas e de que suas vidas estavam sendo alvo de inúmeras transformações, fazia-se presente em seus discursos evidenciando que as experiências marcantes deste período colocavam em relevo sua historicidade. Era a vida, em seu conjunto, avaliada.

A busca de possíveis respostas que pudessem servir para compreender a vivência destas mulheres motivou este estudo.

Pesquisando sobre estudos que tratam das questões relativas à mulher nesta faixa etária, observei uma predominância de matérias sobre a menopausa. Todos a caracterizam como um evento biológico natural do ciclo vital da mulher, ressaltando sua sintomatologia e as controvérsias a respeito dos benefícios e precauções da Terapia de Reposição Hormonal (TRH) que visam minimizar os desconfortos por ela causados. Menegon (1998) destaca que entre 45-50 anos as mulheres começam a sofrer variações hormonais do estrogênio devido ao início do período climatério-menopausal. Ondas de calor (fogachos), suores noturnos, ressecamento da pele, modificação do corpo, ganho de peso, insônia, ressecamento vaginal, diminuição da libido, irritabilidade, alteração de humor são, dentre muitos, os sintomas associados ao esvaziamento hormonal. Uma maior probabilidade a problemas vasculares, a perda óssea podendo desenvolver um quadro de osteoporose são, também, associadas à perda hormonal da menopausa. Até mesmo a instalação de quadros depressivos nessa fase, é a ela atribuída.

Assim, de uma forma geral, um significativo número de estudos relativos ao período do climatério-menopausa, abordando o assunto sob a perspectiva da clínica médica, enfatiza suas conseqüências e alterações biológicas, seus sintomas e a prevenção de possíveis doenças deflagradas

pela falta hormonal, imputando a idéia de que todo o mal vivenciado pelas mulheres neste período está ligado somente à menopausa.

Sem desconsiderar as conseqüências biológicas decorrentes da menopausa, é importante destacar que o ser humano não responde somente à ordem da natureza. Sua inscrição na cultura o faz responder à ordem do simbólico o que desnatura suas vivências, particularizando-as. Estas, não raras vezes, mostram-se transgressoras ao determinismo biológico e neste sentido, uma relação direta de causalidade, parece imprudente. Como exemplo ilustrativo desta afirmação destaco o estudo de Lobo (2000) sobre infertilidade sem causa aparente que mostra que apesar de algumas mulheres se apresentarem potencialmente fértil e sem qualquer alteração ou disfunção que justifique a não-concepção, seu organismo não respondia à sua demanda de engravidar. O recurso da fertilização *in vitro*, artefato técnico que permite que a fecundação ocorra em laboratório em quase 100% dos casos, não era suficiente para que, transferidos ao útero, os pré-embriões, encontrassem ali o acolhimento necessário à sua sustentação e desenvolvimento. Observa-se, neste caso, que a lógica da ordem simbólica se impõe e a dinâmica da subjetividade da mulher entra em cena. Seu corpo, também suporte de expressões psíquicas, revela algo que escapa, evidenciando assim que o fenômeno da concepção atravessa os limites determinantes da lógica biológica.

Freud (1974, a), no final do século XIX, em seu artigo “Estudos sobre a histeria” (1895), promoveu um certo desmonte das teorias fisiológicas que buscavam explicação para esta ‘doença’ enigmática. Foi o início de incessantes e inesgotáveis estudos relativos às questões referentes à constituição subjetiva da mulher. Embora na obra freudiana não haja uma

menção direta às vivências da mulher na menopausa, foi Deutsch (1951) a pioneira nos estudos psicanalíticos sobre o assunto. Para esta autora, centrada em uma abordagem falocêntrica¹, a mulher privada do 'falo' teria, através do potencial poder da reprodução e da concepção de um filho, um recurso simbólico que lhe serviria para superar sua carência fálica. Sob esta perspectiva, a menopausa pondo um fim biológico à capacidade reprodutiva da mulher, suprimiria desta o suporte simbólico identitário, reeditando subjetivamente uma castração primária e comprometendo sua feminilidade. Essa forma de compreensão, presente em diversos estudos psicológicos, assim como os estudos da clínica médica, também se revelam reducionista, pelo fato de estabelecer uma relação direta e causal entre maternidade e feminilidade, sendo alvo de contundentes críticas.

Estudos psicanalíticos mais recentes entendem que a constituição da subjetividade feminina não fica restrita a um infundável trabalho psíquico para a superação de uma carência fálica, somente superada pelo filho-falo ou pela certeza desta potencialidade (Alexim; 2000). Para esta autora, a vida feminina não se reduz somente a conflitos fálico-edípicos ou a um narcisismo autocentrado. Dessa forma, a subjetividade feminina, bem como a feminilidade, pode ser pensada como potência de criação não ficando limitada somente à reprodução/procriação.

Ampliando as implicações que atravessam o período da menopausa Menegon (1998) destaca que esta, embora sendo um fato biológico universal que finaliza o ciclo natural da reprodução, apresenta diferenças em função das variações socioculturais. Gueydan (1991), ressalta também que, na

¹ Abordagem psicanalítica que admite a estruturação do psiquismo e a constituição da subjetividade centraliza-se na presença ou não do falo, sendo este o representante psíquico do pênis.

contemporaneidade, a perda da capacidade reprodutiva para as mulheres não se configura do mesmo modo de várias décadas atrás, na qual a função principal de suas vidas centralizava-se na maternidade.

Lax (1999) refere que a mulher vivendo o climatério estaria sujeita a uma crise psíquica potencialmente capaz de afetar seus sentimentos de integridade e funcionamento corporal. A sua auto-imagem, suas tarefas vitais e interesses egóicos sofreriam também um desequilíbrio. Ressalta ainda que o reconhecimento da irreversibilidade do processo de envelhecimento e a permanência dessas mudanças em sua imagem fazem com que experimentem um sentido de perda narcísica podendo, em muitos casos, encaminhar-se para sentimentos - conscientes ou inconscientes - de inveja e hostilidade contra as mulheres mais jovens. A mudança de sua função materna, que provavelmente ocorre nesta fase da vida poderia, para algumas mulheres, também se constituir como um evento potencial no desenvolvimento de crises vitais severas.

Ainda com ênfase no período do climatério/menopausa Pereira, Abreu e Lustosa (2001) destacam que além dos sintomas orgânicos as mulheres freqüentemente lidam com feridas narcísicas ao mesmo tempo em que buscam alternativas para se adaptar às perdas biológicas, psicológicas e sociais relacionadas a esse processo.

Fatores de ordem psico-emocional se apresentam relacionados principalmente a uma depreciação no tocante a auto-imagem, sendo freqüente o relato de não se sentirem mais a mesma mulher é o que revela também o estudo de Nissim e Araújo (2001) sobre os sintomas subjetivos da menopausa.

Durante o período da menopausa, Mori (2002) reconhece que as

manifestações físicas e psíquicas vivenciadas são marcadas por experiências de preconceitos sociais a respeito do envelhecimento. Acrescenta que as intervenções medicamentosas para fazer frente a quadros depressivos, típicos nessa fase, tendem a silenciar sentimentos e a mascarar vivências que deveriam ser elaboradas.

As questões que aqui novamente se apresentam são: Seria ainda, na atualidade, a menopausa uma grande vilã para as mulheres? Afinal, que outras vivências e sentimentos permeiam a vida da mulher nesta fase de sua existência? De que maneira elas são atingidas por essas vivências? Quais os tipos de repercussões que tais vivências trariam à vida da mulher?

Marraccini (2003), investigando a feminilidade de mulheres entre 40 a 55 anos, revelou que o sentimento predominante nas mulheres desse grupo era o de que suas vidas estariam sendo alvo de perdas não identificadas claramente. Em geral apontavam que surgiam limitações, sentiam um certo apagamento, um esvaziamento.

Carvalho (2004) e Mori e Coelho (2004) ressaltam que nesta fase da vida as mulheres passam por várias mudanças. As autoras dão destaque às questões associadas ao envelhecimento como virtualmente capazes de deflagrar sintomatologias depressivas. Enfatizam ainda a necessidade da inclusão da categoria 'gênero' nos debates da área da Saúde Mental, entendendo como imperioso que sejam revistas as concepções históricas e culturais sobre o ciclo de vida feminina.

Sanchez e Roel (2001) e Del Priori (2001) observaram que as transformações sociais e as mudanças de valores da atualidade promovem uma verdadeira revolução na forma como se vivencia o envelhecimento. A

valorização dos atributos da juventude, de beleza e saúde, marca emblemática da sociedade ocidental contemporânea, descarta o envelhecimento como um fato natural da vida, sendo a mulher, particularmente atingida e capturada por esse modelo padronizado pela mídia.

Em um contexto em que a eternização da juventude é valorizada como um *'atributo supremo'*, novos questionamentos ganham força: Como as mulheres na faixa entre os 50/60 anos vivenciam as mudanças e transformações que informam sobre a passagem do tempo em suas vidas? De que maneira tais vivências poderiam repercutir no futuro destas mulheres?

Os estudos de Chévance (2004) servem para ressaltar a importância na busca para estas questões e a relevância do presente estudo quando destaca que a instalação de quadros depressivos observados, principalmente na idade entre 50 e 70 anos, em mulheres pode ser uma resposta ligada à perdas ou a exposição contínua de eventos estressores, tais como separações, doenças, dentre outros. Ressalta ainda em suas investigações sobre a demência, a possibilidade de fatores de ordem psíquica estarem presentes na etiologia da Doença de Alzheimer (DA), caracterizada como um processo pré-senil da demência que pode atingir também pessoas de meia-idade, sendo constatada sua preponderância em mulheres. Segundo este autor, o sofrimento imposto pela exposição a situações adversas poderia ser de tal ordem intolerável que não restaria ao sujeito outra *'escolha'* senão uma espécie de morte psíquica progressiva, *"um existir sem existência"* (p.233).

Pelo exposto, a fase da vida da mulher compreendida entre os 50 e 60 anos é permeada por transformações de ordem biológica, social e psicológica, assinalando a existência de um período marcado por experiências

fragilizadoras, tornando propício à instalação de um desequilíbrio psico-emocional, no qual a mulher vê seus referenciais, que até então serviam como ancoragem identitária, desconstruídos. Não mais tão jovens, entretanto, ainda não idosas, vivenciam experiências características de uma fase de transição.

Assim, um dos pressupostos deste estudo é que devido a um conjunto de alterações que ocorrem no período dos 50 aos 60 anos, as mulheres nesta fase, atravessam um momento em que os referenciais simbólicos que sustentam suas representações sofrem impacto que promove uma desorganização em sua auto-imagem e na sua constituição subjetiva. Esta situação de desconfiguração subjetiva instala, muitas vezes, uma condição de insignificância simbólica. Carentes de um referencial que lhes sirva de sustentação psíquica as mulheres ficam, frente às várias transformações pelas quais estão passando, sujeitas a desenvolver estados de apatia, desânimo, autodepreciação, isolamento, baixa auto-estima, irritabilidade, labilidade emocional. Este quadro sintomatológico, geralmente, é vivenciado de forma solitária e até mesmo mantido sob certo sigilo, como um segredo que, se revelado, daria visibilidade à sua 'fragilidade'. Tal situação revela-se propícia à instalação efetiva de um quadro, manifesto ou dissimulado, de depressão. Um trabalho de ressignificação simbólica se faz, nesta fase da vida, imperioso, pois serviria para edificar novos referenciais de identificação e de existência.

Nestes termos, esta fase da vida da mulher pode ser considerada como um 'período crítico' marcado por conflitos que promovem uma abrangente desestabilização. O enfrentamento desta situação permitiria um redimensionamento e uma elaboração de tais vivências, o que serviria como mola propulsora para a superação deste estado. Mas, quando ao contrário, tais

vivências fragilizadoras são negligenciadas ou simplesmente rotuladas como 'depressão' e devidamente encapsulada medicamentosamente para fazer calar a dor e a angústia que se experimenta, impede-se sua superação, podendo se perpetuar um estado, quase crônico, de mal-estar e insatisfações.

Ao dar voz a algumas mulheres desta faixa etária este estudo busca, somando-se aos outros, ampliar e contribuir para a compreensão desta fase da vida, decisiva para a construção de projetos para os muitos anos que ainda terão pela frente. Como bem ressalta Salgado (1988): *"Mais importante do que acrescentar anos à vida é preciso proporcionar vida aos anos"* (p.6). Esta é também a idéia deste estudo.

Capítulo 2: Referências Conceituais

A fundamentação teórica deste estudo é pautada nos conceitos de corpo, auto-imagem e envelhecimento, considerados a partir de uma perspectiva subjetiva e balizados pelos princípios da psicanálise. Estes conceitos são articulados à noção de representação, de Sperber (2001) e Laplantine (2001) seguindo uma perspectiva dinâmica, na medida em que possibilita a compreensão de estruturas de pensamentos já sedimentados, como, também, torna possível novas construções, na medida em que atua na mediação entre as estruturas objetivas e a reconstrução da ordem simbólica, subjetiva.

Uma representação, segundo Sperber (2001), pode se dar através da articulação da representação em si, do seu conteúdo, e de um usuário. Quando aquele que produz a representação não é o usuário, ele é incorporado como um novo elemento, considerado, então um quarto elemento. Neste sentido, o usuário e o produtor da representação não são a mesma pessoa. Nos casos em que o próprio usuário produz uma representação, Sperber afirma que se trata então da produção de uma *representação mental*. Para este autor, as representações mentais, tais como, lembranças, hipóteses ou intenções, quando são comunicadas, podem produzir uma representação que servirá a um outro sujeito para a construção uma nova representação mental e assim sucessivamente. Essa dinâmica inter-relacional de comunicações possibilita a construção de uma representação pública sobre um determinado grupo social em um dado momento histórico-cultural.

Para Laplantine (2001) a representação resulta do encontro de uma experiência individual e de modelos sociais, sendo uma maneira particular de apreensão do real, na qual os sujeitos de uma determinada sociedade ou grupo detêm um saber acerca de uma parte ou da totalidade de sua própria existência. Essa interpretação, portanto, é organizada pela via de uma estreita relação com o mundo social. Para aqueles que aceitam uma determinada interpretação, essa passa a se constituir como a sua própria realidade.

Nos termos assim definidos, o conceito de representação considerado a partir dos autores acima citados, quando articulados aos conceitos de corpo, auto-imagem e envelhecimento possibilitam a construção de novas referências representacionais das experiências que caracterizam a população estudada.

Prosseguindo à delimitação teórica deste estudo cabe destacar que as implicações biológicas decorrentes do processo de envelhecimento, embora não tenham sido tomadas como foco de estudo, tangenciam, de forma marcante, as representações elaboradas pelas mulheres entrevistadas. Neste sentido, é pertinente e imprescindível que estas sejam abordadas, pois, antes mesmo de se configurarem como um fato, revelam-se como determinante de preocupações e angústias.

O envelhecimento mundial da população como um fato, caracterizando um processo de transição demográfica que evidencia a diminuição da natalidade e da mortalidade, simultaneamente, é observado nos últimos anos, tanto nos países mais ricos como nos países mais pobres, sendo amplamente discutido e objeto de vastas e intensas investigações. Na atualidade, o envelhecimento, a longevidade e suas conseqüências, assumem características distintas daquilo que se observava na segunda metade do

século passado. Atualmente, para além das questões que permeiam o envelhecimento, como um fato biológico, tal evento revela-se como uma realidade que apresenta implicações sociais, econômicas, culturais, que exigem novas políticas, preventivas e assistenciais, que possam contemplar a qualidade de vida das pessoas idosas.

A publicação de Netto (2004) considera o envelhecimento em sua globalidade e enfoca não só a idade cronológica, mas, também fatores ambientais, sociais, psicológicos, funcionais, cognitivos, culturais e econômicos. Há, neste sentido, a exigência de uma visão mais profunda e integrada do envelhecimento como um processo. Segundo este autor, do ponto de vista biológico, o envelhecimento tem seu início desde o nascimento, devendo ser considerado como um evento ligado a um desenvolvimento histórico e cultural. As perdas cognitivas, sobretudo aquelas que comprometem o desempenho intelectual, também são apreciadas como decorrentes deste processo. Do ponto de vista econômico, a aposentadoria, no contexto da sociedade capitalista, marca a improdutividade do sujeito e sua conseqüente desvalorização. O sujeito que se vê envelhecendo - um 'ônus para estado' - pode ser atingido por fatores de ordem psico-emocional ligados a um sentimento de inutilidade. Outra implicação do envelhecimento levantada pelo autor, diz respeito à questão da funcionalidade, quando o indivíduo não mais consegue, sem contar com a ajuda de outras pessoas, desempenhar suas atividades cotidianas, sendo esta uma das conseqüências mais evidentes deste processo.

Os estudos de Minayo & Coimbra Júnior (2002), sobre as questões relativas ao envelhecimento mostram-se relevantes para esta investigação por

ressaltarem que, para além das perdas biológicas, o envelhecimento deve também ser entendido segundo quatro perspectivas, a saber: como híbrido biológico-social; como problema; como questão pública e o velho como ator social.

Considerando o aspecto “*híbrido biológico-social*” (p.14) os autores acima citados, ressaltam que há uma desnaturalização da velhice, e neste sentido a velhice é considerada como uma categoria social e culturalmente construída. Esta visão toca na especificidade do ser humano, na medida em que este, submetido à cultura, não pode ser resumido somente às conseqüências do tempo sobre a funcionalidade de seu corpo.

No que tange ao envelhecimento “*como um problema*”, Minayo & Coimbra Júnior (2002) consideram que:

“(...) tanto em nível social, pelo estigma de ‘descartável’, improdutivo, de decrepitude e de perda da dignidade, como em nível da medicina e para a saúde pública, a pirâmide populacional em um crescimento sistemático e crescente, onera o sistema de saúde.” (p.17)

Para estes autores, existe em nossa sociedade duas categorias sociais distintas e opostas: a juventude e a velhice e, nesses termos, o idoso, passa a ser um ator social, na medida em que a velhice “*(...) não pode mais ser nominada e nem tratada como há 50 anos, quando a expectativa de vida era de apenas 43 anos*” (p.21).

Segundo a perspectiva biomédica, centrada na objetividade do corpo biológico, estes estudiosos enfatizam que as conseqüências da degeneração biofisiológica favorecem:

“(...) o crescimento de doenças crônicas, distúrbios de

diversas ordens, doenças incapacitantes como demência senil, doença de Alzheimer, doença de Parkinson, além do incremento das ocorrências de depressões e de falhas cognitivas.” (p.17)

Com uma preocupação preventiva para um envelhecimento mais saudável, tanto em termos físicos quanto mentais, surge, no final da década de 70, a gerontologia, campo científico interdisciplinar, que faz emergir novas fontes de pesquisas sobre o tema. Deste novo saber, duas das teorias ganham destaque no discurso: a “*teoria do desengajamento*” e a “*teoria da atividade*” (Caradec, 2001, apud Alves 2004, p. 14). A primeira refere que o envelhecimento normal promoveria uma progressiva diminuição dos papéis sociais do sujeito, como também, uma gradativa redução de suas interações sociais. A segunda, a “*teoria da atividade*”, apresenta um segundo discurso defendendo que em um processo de envelhecimento saudável, as perdas de certos papéis e habilidades devem ser compensadas pela intensificação de outros. Nesta abordagem, o incentivo na promoção de atividades que promovam a inclusão e o engajamento do idoso em atividades diversificadas, se revelam como uma possibilidade de se preservar os laços sociais.

Segundo Alves (2004), estudos recentes já buscam relativizar a determinação destas duas teorias, considerando as particularidades e a realidade do sujeito idoso. Assim, a autora destaca:

“Por um lado, passa-se a atribuir um sentido menos literal ao engajamento, compreendendo que uma pessoa pode estar comprometida com uma atividade mesmo sem executá-la com regularidade. Por outro, entende-se que a redução de atividades pregada pela teoria do desengajamento pode, de fato, significar uma seletividade maior do indivíduo, escolhendo atividades que realmente interessam e motivam e não um simples desligamento progressivo do mundo social.” (p. 14).

Após esta breve apresentação sobre as diferentes possibilidades de se abordar as questões relativas ao envelhecimento, alinhavo, para fins deste estudo, que o envelhecimento biológico, como um dado objetivo que inscreve no corpo mudanças, é o que primeiramente possibilita ao sujeito que o vivencia, a conscientização da passagem do tempo. O organismo é a primeira via que captura o tempo e o apresenta ao sujeito. É esta conscientização que projeta, em nível subjetivo, as questões relativas à transitoriedade, a finitude e a morte, até então, tacitamente negadas.

Assim, o corpo, para além de se constituir como organismo biológico dotado de sistemas e funções, serve de cenário para a inscrição do tempo e é campo para as representações relacionais, sociais e culturais que bordeiam a constituição subjetiva do indivíduo. Como reafirma Freud (1974, f), no texto “*O Ego e o Id*” de 1923, a dimensão corpórea do *Eu* destaca que o corpo não é somente o depositário da biologia humana e seus processos físico-químicos, mas de representações, valores e simbolismos. Neste texto o autor destaca que “*o eu é um ser corpóreo e não só um ser superficial, ele é também a projeção de uma superfície*” (p.15).

Nestes termos, quando a passagem do tempo produz as evidências de sua real existência, um complexo aparato subjetivo se configura, pois no ser humano, o corpo biológico funciona como local de sua revelação.

A passagem do tempo que se inscreve no organismo serve não só para edificá-lo como, também, para involuí-lo. A rápida maturação biológica nos três primeiros anos de vida dá condições para o desenvolvimento de aquisições funcionais, cognitivas, motoras e interacionais. Conjuga-se a este processo maturacional o investimento e a nomeação das figuras parentais que

possibilitam (ou não, a depender do tipo de investimento e da nomeação) a constituição de um ser psiquicamente diferenciado. A princípio, o bebê, alheio à sua existência, ao seu corpo e ao meio que o circunda, necessita imperiosamente de um outro que lhe cuide e lhe sirva de referência. É esse outro, no caso, a figura materna, através de uma relação especular, que lhe servindo de semblante, possibilita ao bebê, capturar sua imagem, o que, gradativamente o faz se reconhecer. É através desta relação primária que o bebê vai se diferenciando e estabelecendo vínculos relacionais e fazendo sua inscrição no mundo. Entretanto, esta relação mãe-bebê, ao mesmo tempo em que serve como referência para o bebê sair da condição de indiferenciação entre ele e o mundo, o captura em uma relação alienante que deve ser rompida. Alienante, pois nela, a criança se reconhece através desse outro, mas não se diferencia dele. Um processo de separação-indivuação se faz necessário, para que assim esta criança possa constituir sua existência como um ser particularizado em seus desejos. É através da figura paterna, representante da Lei que esta relação primária mãe-criança é interdita. Esta interdição possibilita à criança sua inserção na ordem da cultura, ou seja, na ordem simbólica. Neste processo a criança se diferencia, se apropria de seu eu e se constitui como sujeito particularizado (Lacan, 1998).

Neste sentido, o corpo biológico, através da recepção e decodificação dos estímulos internos (advindo o próprio organismo) e ambientais (relacionais), vai constituindo um eu (ego), que gradativamente se apodera do corpo biológico, dando-lhe um contorno e um significado particular – fala-se então de um corpo subjetivado, morada do eu. Assim, o corpo, considerado segundo os princípios psicanalíticos, é um corpo subjetivado, constituído pelo

olhar, pela fala e pelo desejo do Outro. É através deste processo 'olhar-fala-desejo' que o sujeito vai se apropriando de seu corpo e dando-lhe um significado diferenciado.

“O eu se constituirá então como um complexo de representações de si mesmo, provenientes de estímulos internos e externos (e como tais, passíveis de mudança através do tempo) representações que constroem um sentimento de si do qual a imagem corporal faz parte.”
(Goldfarb; 2004:137)

É a partir dessa trama relacional primitiva com as figuras parentais que a criança se constitui e é, através dos vínculos relacionais, que se estruturam ao longo da vida, que constrói sua auto-imagem. A auto-imagem é então, uma representação simbólica que o sujeito faz de si e através da qual se reconhece e se representa. Assim, primeiramente, o olhar e a nomeação das figuras parentais, cede à criança determinados atributos que lhes servirão como bases identificatórias para a apreensão de um corpo unificado e reconhecido.

Goldfarb (1998) destaca que esta experiência do corpo unificado e reconhecido passará por dois momentos de crise. A primeira, na fase da adolescência, na qual a perda do corpo infantil promove um desmanche com vistas à construção de um corpo pleno de potencialidades e realizações. A segunda começará a acontecer exatamente no momento em que o envelhecimento biológico, desconstruindo o corpo edificado na época da adolescência, começa a se fazer presente.

Dolto (1986) embora não utilize o termo auto-imagem refere-se à 'imagem inconsciente do corpo', sendo ela, eminentemente simbólica, própria a cada sujeito e estando ligada à sua história.

Diversos autores, dentre eles, Coelho et al, (2000), Van Kolck (1987) abordam a questão da auto-imagem sendo esta citada como uma percepção individual, constituída por uma gama elementos interdependentes – pensamentos, sentimentos, vivências, relações com o meio e com a cultura – que permite ao sujeito se fazer reconhecer e representar.

Assim, compreende-se que o corpo, como um mediador organizado entre o sujeito e o mundo, serve como suporte de sustentação da auto-imagem, sendo a base relacional do sujeito consigo mesmo e com o meio.

Entende-se que o envelhecimento que se apropria do corpo biológico, embora previsível, desconstrói no sujeito seu referencial de reconhecimento, fazendo emergir uma imagem incompatível àquela que lhe era conhecida até então. Esta desconstrução produz uma experiência subjetiva relativa à auto-imagem, na qual o sujeito, mesmo sabendo que a imagem que se apresenta no espelho lhe pertence, vivencia uma certa estranheza, como se aquela imagem fosse de um outro. Este fenômeno foi descrito por Goldfarb (1998) como “*espelho negativo*”, destaca que a representação da face que se apresenta no espelho não é aquela na qual o sujeito se reconhece, ficando este semblante de reconhecimento perdido. Esta autora aponta ainda que em alguns casos de demência, esta imagem se perde para sempre.

Para Goldfarb (1998), a vivência subjetiva do envelhecimento, particularmente na mulher, a depender das particularidades de cada estrutura psíquica, pode provocar, desde simples estranheza frente ao espelho até ao verdadeiro horror, manifestando-se sob a forma de ‘eu de feiúra’. Este fato se

deve pela instalação de um conflito entre o Eu Ideal² e o Eu. O Ideal do eu, instância intrapsíquica, representante do social e seus discursos, pode não ‘conceder’ ao sujeito que envelhece um lugar de sujeito desejado. Não havendo um lugar de reconhecimento que o sujeito possa se fazer representar, o Ideal de Eu não tem como sustentar sua função reguladora. Neste caso poderá ocorrer, então, uma cisão do Eu Ideal, desconstruindo outras imagens narcísicas de onipotência, perfeição. Este desmonte dará lugar aos atributos de um Eu ‘feiúra’ ou ‘horror’ com sua carga de castração, e aniquilamento, podendo precipitar o sujeito nas patologias da velhice que poderão se expressar através da depressão ou até mesmo da demência.

Assim, de forma gradativa, envelhecimento biológico imprime transformações notórias no corpo e na capacidade funcional do indivíduo. Esta metamorfose, embora esteja acontecendo todo o tempo ao longo dos anos, um dia salta aos olhos e ao olhar. É a consciência da idade refletida no corpo – é a juventude capturada pelo tempo. Beauvoir (1990), citando Goethe, destaca: “*a idade apodera-se de nós de surpresa*” (p.347). A dinâmica subjetiva que se instala a partir da consciência do envelhecimento atinge uma dimensão psíquica que desvela questões relativas a angústia da morte.

No artigo “*Sobre a transitoriedade*” (1916 [1915]), Freud (1974, d) destaca que a consciência da transitoriedade revela a escassez do tempo, desvelando para o sujeito sua finitude e desfazendo a ilusão de sua imortalidade. Na fase da adolescência, o luto que se instala pela perda do corpo infantil, por mais dolorosa que se faça, tem um fim edificante, situação

² Instância intrapsíquica do aparelho psíquico, descrita por Freud em “*Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*” (1914). Constituída a partir da perda do narcisismo primário perdido, e segundo a qual o sujeito fica submetido às aspirações dos outros, em relação ao que ele deve ser e ter.

contrária ao do envelhecimento, na qual cada vez mais as fragilidades serão expostas e a impossibilidade de sua reconstrução se faz uma evidência.

Foi a partir destas considerações teórico-conceituais que busquei compreender como são apreendidas e registradas, em nível subjetivo, as experiências de mudança que começam a se revelar na mulher por volta dos 50 anos.

Novos questionamentos florescem: Quais seriam os recursos internos ou mesmo externos, que poderiam entrar em jogo para o enfrentamento dessas vivências? Em que medida o aparecimento de estados depressivos em mulheres, tão freqüentemente observado em minha clínica e nos meus grupos relacionais, poderia estar associado à dificuldade de se fazer ressignificar nesta outra condição da vida?

Capítulo 3: Metodologia da Pesquisa

Esta pesquisa é fundamentada na abordagem qualitativa, sendo o estudo de caso em uma perspectiva sócio-antropológica utilizado como método para a compreensão dos conteúdos mais significativos contido nos discursos das mulheres pesquisadas. Objetivei destacar as representações das mudanças e experiências por elas vividas e suas repercussões na subjetividade e na auto-imagem feminina.

A pesquisa qualitativa atende aos propósitos desta pesquisa quando Deslandes & Assis (2002) afirmam que este tipo de abordagem tem como núcleo básico “(...) a pretensão de trabalhar com o significado atribuído pelos sujeitos aos fatos, relações, práticas e fenômenos sociais (...)” (p.197). Seguindo a proposta destes autores, ressalto o valor dos significados atribuídos pelos sujeitos aos fatos cotidianos, as suas relações sociais, bem como ao momento cultural e aos fatos sociais de um modo geral, sendo esta a matéria prima a ser analisada neste estudo. A abordagem qualitativa, por incluir “(...) uma ampla diversidade de vertentes e filiações oriundas da sociologia, antropologia, psicologia, história, dentre outras disciplinas afins” (Deslandes e Gomes, 2004:103) e por ser considerada, no campo das ciências sociais, de grande relevância por suas significativas contribuições na área da saúde, também se adequa ao objeto de estudo aqui proposto. Isto porque, estende a possibilidade de compreensão de uma fase da vida da mulher marcada por relevantes e significativas mudanças, não restritas à saúde fisiobiológica, mas, também, mobilizando fatores psíquicos que podem gerar um desequilíbrio no estado integral da saúde.

O estudo de caso em uma perspectiva sócio-antropológica é método utilizado, pois tendo como objetivo extrair do estudo aprofundado de um caso específico, bem como o refinamento de conceitos, hipóteses que, em última instância, possibilita a compreensão de uma realidade mais abrangente, para além do próprio universo estudado, serve aos propósitos desta investigação.

Ainda sobre o estudo de caso, Becker (1999) destaca que este é um termo oriundo particularmente da pesquisa médica e da psicologia compreendendo uma minuciosa análise de um caso individual, sendo que este exame resultaria no entendimento da dinâmica e da patologia de uma determinada doença. Entretanto, a partir da tradição da medicina, estudiosos promoveram uma adaptação neste tipo de método, possibilitando que este fosse também utilizado nas ciências sociais. Seus objetivos segundo Becker (1999) cumpre uma dupla finalidade. A primeira possibilita ao investigador alcançar uma compreensão ampla de um grupo que vai se constituir como objeto de investigação. Nesta situação o autor recomenda que se destaque quais são as questões que deverão ser levadas em conta, tais como: quem são seus membros? Quais são suas modalidades de atividades e interação recorrentes e estáveis? Como elas se relacionam umas com as outras e como o grupo está relacionado com o resto do mundo? A segunda finalidade possibilita *“desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidade do processo e estruturas sociais”* (p.118).

Becker acredita ser *“utópico supor que se pode ver, descrever e descobrir a relevância teórica de tudo”* (p.118). Deste modo, autor ressalta que o investigador deve optar por selecionar em seu estudo aspectos particulares

³ Grifo do autor.

que se lhe afiguram como mais relevantes. Vale ressaltar que Deslandes e Gomes (2004) chamam atenção para o fato de que o indivíduo não se constitui o caso típico no interior das ciências sociais e, recorrendo a Becker (1999), referem que:

“(...) embora alguns cientistas sociais investiguem um conjunto de casos individuais, na pesquisa social, o caso costuma ser uma organização, uma prática social ou uma comunidade, geralmente estudadas a partir de observação participante e entrevistas.” (p.104).

Não escapa à discussão de Deslandes e Gomes (2004) o fato de que pela via de uma abordagem social, o estudo de caso pode ser utilizado nos serviços de saúde com diferentes recortes. Entretanto, o que parece mais relevante a esta proposta de investigação é a observação desses estudiosos, quando afirmam:

“Cada estudo é, em última instância, uma aproximação da realidade do caso. Assim, quando tentamos minimamente compreender o que estamos focalizando em nosso estudo, na realidade lidamos com as principais marcas identitárias do nosso caso, caracterizando-as, estabelecendo relações entre elas, identificando modelos que as estruturam e as suas relações com seu contexto.” (p.106)

Assim, pelo exposto, a fundamentação metodológica adotada mostra-se adequada para desenvolvimento desta pesquisa, bem como baliza os critérios de cientificidade exigidos em uma pesquisa.

3.1 - Os sujeitos da pesquisa

O desenho da amostragem desta investigação inclui mulheres entre 50 a 60 anos de idade, residentes na cidade do Rio de Janeiro, com o 3º grau

completo e que desenvolveram ou que ainda desenvolvem atividades laborativas em espaço público.

A escolha do perfil do grupo estudado deu-se a partir de duas influências distintas que, embora, já citada anteriormente, deve aqui ser destacada por compor a estrutura metodológica do estudo. A primeira ocorreu em função da minha experiência clínica com mulheres nesta faixa etária, entretanto, por questões éticas inerentes à prática clínica, este grupo não poderia se constituir como um objeto de estudo. A segunda influência foi a partir da escuta e da observação cotidiana de um grupo de mulheres nesta mesma faixa de idade.

Os discursos destes dois grupos (da clínica e da observação cotidiana) marcam sentimentos paradoxais, questionamentos relativos às diversas mudanças e experiências que o passar dos anos estava trazendo em suas vidas. Tais mudanças se fazem notar em seus corpos, bem como, em situações do ambiente familiar e na esfera social. Expressam um certo orgulho de todo o vivido e ainda um intenso vigor de desejos e planos, por vezes, contemporizados pelo tempo – o tanto que já havia passado e o ‘nem-tanto’ do que estava por vir. Um discurso ambíguo se presentifica no tocante à sua condição e papel frente ao meio social e quanto a seus comportamentos. Por vezes, vêm-se já velhas, ultrapassadas na e pela idade, em outras situações, esse sentimento mistura-se ao vigor de uma juventude madura, também presente. Sabem-se não tão jovens, mas também não se reconhecem velhas.

A conjugação destas inúmeras vivências aflora-se em sentimentos de menos valia, baixa auto-estima e, em casos mais graves, com a instalação de um quadro depressivo, que, na maioria das vezes, revela-se através de

sentimentos das mais diferentes ordens, tais como, tristeza, apatia, desinteresse, falta de desejo sexual, desesperança, medo do futuro, autodepreciação, dentre outros. Vivenciam a certeza de que já não são mais as mesmas e de que suas vidas estão sendo alvo de transformações, mudanças e perdas. Estas mulheres, apesar de apresentarem uma boa capacidade reflexiva, de terem galgado uma colocação profissional e de serem financeiramente independentes, utilizam tais recursos como instrumentos de reflexão, entretanto, estes não se mostram suficientes para impedir a angústia de suas vivências.

Considerarei, também, o fato de as mulheres deste grupo pertencerem a uma geração marcada por transformações históricas, econômicas, sociais e culturais significantes que configuraram um novo posicionamento da mulher no mundo. Foram e ainda continuam sendo protagonistas de uma série de mudanças do lugar e do papel da mulher na nossa sociedade contemporânea e, talvez, por esta razão estejam vivenciando esta fase da vida de forma tão marcadamente diferente das mulheres das gerações anteriores.

Nos termos acima descritos, o grupo das mulheres na faixa etária entre 50 e 60 anos, por apresentarem diversas características comuns, constitui-se como um caso, que mereceu nesta investigação, ser alvo de um estudo mais acurado.

A partir do perfil acima delimitado, utilizei a técnica denominada por Velho (1981) de “*universo familiar*” para a captação destas mulheres. Segundo Vaitsman (1994) o universo familiar configura “*um mundo conhecido pelo próprio pesquisador, do qual ele faz parte e dentro do qual consegue localizar as pessoas em categorias mais amplas*” (p. 82).

Nestes termos, realizei as entrevistas com mulheres que fazem parte de meu universo familiar, bem como com outras mulheres, por elas indicadas. Um total de 12 mulheres foi entrevistado, sendo estas tratadas no estudo por nomes fictícios, resguardando assim, o anonimato das mesmas.

No que diz respeito à amostragem, considerei os princípios defendidos de Minayo (1998), quando a autora ressalta que na pesquisa qualitativa a amostra ideal é aquela que viabiliza a apreensão da totalidade em suas múltiplas dimensões, não sendo o fator numérico um dado que garanta a sua representatividade, sendo o aprofundamento e o alcance abrangente da compreensão sociocultural do grupo estudado a principal característica dessa abordagem. Neste estudo, o total de mulheres acima referido revelou ser uma amostra ideal, uma vez que registrei, a partir deste total, saturações quanto ao objeto pesquisado, fazendo assim cumprir os objetivos desta pesquisa.

3.2 - A Coleta de Informações

No período de março de 2006 a maio de 2006, após aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa – do Instituto Fernandes Figueira, da Fundação Oswaldo Cruz, constituído nos termos da Resolução nº. 196/MS, do Conselho Nacional de Saúde e devidamente registrado no Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (Anexo I) dei início às entrevistas para a coleta de informações necessárias à execução da investigação.

Como aporte técnico para a coleta das informações utilizei os procedimentos de entrevista semi-estruturada, que inclui perguntas fechadas e abertas. Este tipo de entrevista para Cruz Neto (1994), apresenta-se como um

recurso instrumental valioso para a obtenção de informações que são veiculados através do discurso dos atores sociais implicados na pesquisa. Este instrumento de investigação não se caracteriza como uma conversa informal, sem pretensões e/ou neutra, uma vez que os resultados são úteis como material de investigação sobre a realidade que está sendo estudada.

Minayo (1998) chama atenção para o fato de que tais entrevistas oferecem ao pesquisador a possibilidade de descrever casos individuais, bem como capturar, de forma mais abrangente e aprofundada, as particularidades culturais dos atores sociais envolvidos na pesquisa, possibilitando, ainda, que se estabeleçam parâmetros comparativos com outros casos.

As entrevistas foram gravadas após a prévia leitura, esclarecimentos e assinatura do Termo de Livre Consentimento Esclarecido (Anexo II). Todas as mulheres entrevistadas mostraram-se solícitas não apresentando quaisquer restrições quanto ao uso do gravador. Demonstraram disponibilidade em participar da pesquisa e ressaltaram a importância deste tipo de estudo. Talvez, pelo fato da pesquisa tratar de questões por elas vivenciadas na atual fase da vida, as mulheres se consideram privilegiadas em participar da pesquisa, ratificando o interesse em saber, posteriormente, sobre o resultado final.

O instrumento de pesquisa foi, anteriormente, testado com o auxílio de três profissionais vinculadas à área da pesquisa social. O pré-teste foi realizado com três mulheres que atendiam o perfil dos sujeitos da pesquisa. Após a realização das entrevistas de pré-teste, procedi a uma avaliação do instrumento da pesquisa e aos ajustes que considerei necessários.

Na avaliação do pré-teste observei que o tema não deveria ser abordado de imediato, uma vez que duas mulheres entrevistadas nesta fase, mostraram-se defensivas, abordando o assunto com evasivas. Considerei, então, que este tipo de abordagem talvez comprometesse a investigação e, ao mesmo tempo, poderia expor as entrevistadas a uma situação constrangedora. Esta conclusão foi corroborada pela terceira entrevistada, pois, ao tomar conhecimento do tema da pesquisa através do termo de consentimento, manifestou a seguinte opinião: *“Nossa! Eu não gosto nem de pensar nisto e quando penso, me dá um ‘troço’”. Será que eu vou conseguir falar?”*.

Reverendo a abordagem inicial, introduzi um *‘momento preliminar’* no necessário para um certo *‘aquecimento’*. Neste momento solicitei às entrevistadas falassem um pouco sobre suas vidas. Adotado este procedimento, observei que, de forma gradativa e natural, os discursos conduziam-se e eram também conduzidos de modo a atender aos objetivos da pesquisa. Desta forma, as questões relativas às transformações que as mulheres experimentam nesta fase da vida foram abordadas como algo intrínseco à vida e não como algo que, repentinamente, descortinava um evento sem historicidade.

As entrevistas duraram em média de 60 a 90 minutos e foram realizadas em locais e horários propostos pelas próprias mulheres entrevistadas.

O roteiro da entrevista (Anexo III) cumpriu a finalidade de nortear a coleta das informações e estabelecer um diálogo fértil com as mulheres entrevistadas. Este roteiro combinando perguntas fechadas e abertas, proposta

básica das entrevistas semi-esturutadas, imprimiu uma maior liberdade de expressão e, ao mesmo tempo, não se perdendo o objetivo-fim da entrevista.

3.3 - Análise das Informações

A análise de conteúdo, na modalidade temática, foi utilizada como recurso instrumental para a compreensão e análise do material coletado nas entrevistas.

Entendida como técnica de compreensão, interpretação e explicação das formas de comunicação (escrita, oral ou icônica), a análise de conteúdo tem como objetivo promover um atravessamento das evidências imediatas do que se apresenta, bem como aprofundar a percepção, a pertinência e a estrutura das mensagens veiculadas pelos atores sociais pesquisados.

Bardin (1979) afirma que toda análise de conteúdo está embutida em um processo que se caracteriza por uma face duplamente determinada:

“Compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem da entrevista (...) através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efetuada pelo analista do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura ‘a letra’, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano.” (p. 41)

A utilização deste recurso possibilitou a captação de várias expressões relevantes no discurso das mulheres entrevistadas. O conteúdo de tais expressões viabilizou a apreensão de informações significativas, de variáveis contextuais, políticas, sociais e transgeracionais, bem como situações e vivências particulares. Desse modo, a utilização da análise de conteúdo,

modalidade temática possibilitou o estabelecimento de uma dinâmica inter-relacional com as mulheres que participaram deste estudo.

A análise de conteúdo possui uma característica multidimensional, na qual o pesquisador busca alcançar, através de significantes ou de significados reconstruídos, outros significados para além do conteúdo da mensagem. Estes significados contêm sentidos resultantes das experiências sociais e dos condicionantes históricos, tanto do entrevistador quanto do entrevistado, para os quais a mensagem foi elaborada. Em função da não quantificação dos dados, a proposta implica em uma adaptação da análise de conteúdo, que surgiu na primeira metade do século XX.

A noção de tema constitui outra característica da análise de conteúdo. Minayo (1998) sugere que esta concepção traduz uma idéia que pode estar ligada a uma afirmação acerca de um determinado assunto. Para a autora, a análise temática comporta um conjunto de elementos pertinentes para a definição de um conjunto de relações e pode ser apresentada com a utilização de um gráfico, sendo possível a sua reconstituição partindo de uma palavra, uma frase ou um resumo.

A elaboração de uma análise temática exige do pesquisador o desvelamento dos núcleos de sentido que constituem parte de uma dada comunicação. A presença e freqüência com que estes núcleos aparecem nas comunicações estudadas apontam para um significado relacionado ao objetivo proposto pela análise, definindo desta forma uma temática relevante.

A operacionalização da análise temática foi realizada levando em consideração as três etapas deste instrumental proposto por Bardin (1979).

3.4 - Operacionalização da Análise

Após a coleta do material, transcrevi o conteúdo das entrevistas gravadas sendo este um elemento facilitador no processo de apropriação e impregnação das informações, relevantes no procedimento da análise.

Para fazer cumprir o rigor metodológico necessário para o tratamento do material, utilizei os ensinamentos de Gomes (1993) que pressupõe que este seja realizado através de um conjunto que inclui três fases fundamentais, a saber: *“pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados obtidos e interpretação”* (p. 75:76).

Na fase de pré-análise realizei inicialmente um processo de leitura flutuante do material transcrito e impresso, de cada uma das entrevistas. De posse deste material procedi a um recorte das informações colhidas a partir das perguntas realizadas. Busquei as idéias e os sentidos que emergiam das falas das mulheres. Nesse momento, a título de aprofundamento das informações, abordei alguns dos pressupostos e desenvolvi uma exposição pormenorizada do material coletado. Posteriormente, com o uso do computador realizei uma releitura de todas as entrevistas de modo a selecionar e destacar conteúdos pertencentes a um mesmo grupo de idéias. Dessa forma, dei início à segunda fase da análise.

Na segunda fase constitui as categorias iniciais a partir do desvelamento dos núcleos de sentido que identifiquei nos depoimentos. Nesse momento, elaborei uma exploração rigorosa do material coletado, confirmando que quase todas as partes selecionadas na primeira fase estavam adequadas, e eram reveladores de sentidos, sendo, também descoberto, algumas outras

que não haviam sido percebidas. Desse modo, foi possível identificar núcleos de sentidos em torno dos quais giravam as idéias, explícitas e/ou implícitas, dos depoimentos. Após essa identificação, articulei os diferentes núcleos de sentido em torno de temáticas mais amplas.

A partir de então, dei início à terceira fase do processo de tratamento e interpretação dos resultados elaborando as categorizações das representações presentes nas falas das entrevistadas e estabelecendo uma comparação entre as semelhanças e diferenças. Por fim, as cotejei com o referencial teórico pertinente ao assunto.

Na realização desta terceira fase, seguindo as questões propostas por Gomes (1999), formulei aos depoimentos as seguintes questões: O que está sendo dito? Como está sendo dito? Quem está dizendo? Quais representações estão presentes nas falas? E o que se encontra manifesto ou latente nos discursos dos entrevistados?

Os procedimentos adotados caracterizaram, segundo (Gomes, 1994), um processo de desconstrução das falas das mulheres, para uma posterior reorganização das mesmas. Assim, foi a escuta diferenciada que, subjacentemente, ao discurso manifesto, veiculou as falas implícitas, que se tornaram elementos preponderantes para a análise das informações coletadas.

Capítulo 4: Sobre as Mulheres Entrevistadas

4.1 - A geração e o cenário que compuseram suas vidas

As mulheres entrevistadas neste estudo contavam, no momento da pesquisa, com idade entre 50 e 57 anos. Viveram a adolescência e o início da vida adulta, por volta da década 1960/70, época foi marcada pela luta dos movimentos feministas que trouxe grandes transformações sociais, determinantes na organização de uma nova e outra condição da presença da mulher no mundo. A saída do ambiente doméstico para uma inserção participativa no espaço público delineou os projetos futuros destas mulheres. Esta situação pode ser constatada pelo fato de todas as mulheres terem freqüentado espaços universitários, concluindo seus cursos e tendo desenvolvido atividades profissionais compatíveis com os cursos de sua formação. Um contínuo investimento para a construção de uma qualificação profissional estendeu suas formações acadêmicas em cursos de pós-graduação, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado, com inserção no mercado de trabalho. Apenas uma das mulheres entrevistadas não desenvolve atividade laborativa no seu curso de formação.

Paralelamente ao investimento acadêmico com vistas à construção de um futuro profissional, viveram também um tempo de revolucionárias modificações em termos comportamentais. Algumas participaram ativamente na luta pela igualdade, pelo reconhecimento de seu valor e na busca pela autonomia e liberdade. A não concordância à hegemonia da tradicional sociedade patriarcal, de forma direta ou indireta, atravessou a vida destas mulheres.

Neste espaço social fervilhante de transformações, estas mulheres viveram, concomitantemente, suas experiências particulares de vida. As transformações decorrentes da adolescência, a potencialização da sexualidade, o namoro, que, por vezes, era vivido de forma culposa, pois com surgimento do advento da pílula anticoncepcional nesta mesma época, a possibilidade de uma certa 'ousadia prazerosa' já se fazia presente em suas vidas, embora ainda não culturalmente absorvida. No espaço familiar, por vezes, ousando transgredir as normas e os mandos parentais, vivenciaram intensos conflitos, fruto do choque de valores pelos quais passava a sociedade.

Este período também teve como cenário vários movimentos civis e políticos, que ocorreram em diversos países do ocidente, denominados de contracultura, assinalando uma forma de contestação radical, pois rompia com praticamente todos os hábitos consagrados de pensamentos e comportamentos da cultura dominante. Este movimento, segundo Coelho (2004), teve grande influência, principalmente, nas classes médias da sociedade por ressaltar um certo inconformismo frente à realidade histórica daquele momento. A era da contracultura foi delineada também pela agitação do movimento hippie, que pregava a liberdade sexual, igualdade entre as raças e gêneros, o uso de drogas como a maconha (*cannabis sativa*) e o LSD e pelos movimentos estudantis em diversos países, que lutavam por uma renovação nas práticas de funcionamento de instituições e partidos políticos. No Brasil, por conta da ditadura militar implantada no país, a partir do golpe militar de 1964, havia uma severa repressão a todos esses movimentos.

Em meio a um clima de contestação acerca da instituição ou não do divórcio no Brasil, constituíram suas próprias famílias. Algumas, com

casamentos formais, outras, com uniões informais, que transgrediam o modelo tradicional do casamento na igreja, com vestido branco, véu, grinalda e flor de laranjeira – também uma forma de protesto. Ocuparam-se com os cuidados com suas casas e maridos. Tiveram seus filhos e dedicaram-se à sua educação e cuidados. Algumas continuam a viver sua primeira união conjugal. Outras, apesar de terem mantido relações estáveis, viveram também algumas separações. Reconstruíram suas vidas afetivas com outros parceiros e algumas, no momento da realização desta pesquisa, viviam sozinhas. Somente duas das mulheres entrevistadas não tiveram filhos. As outras tiveram entre um e três filhos e três delas já são avós, demonstrando orgulho com essa nova condição.

Todas as mulheres entrevistadas continuam a exercer atividades profissionais, mesmo sendo, quatro delas, aposentadas. Pelo investimento na vida profissional, adquiriram uma certa independência financeira que lhes conferiu uma autonomia no gerenciamento de suas vidas.

Atualmente, já mais amadurecidas, porém, não menos críticas e questionadoras, vivenciam um processo de reflexão acerca do momento de vida que estão atravessando e do lugar que ocupam, ou deveriam ocupar, na sociedade contemporânea.

4.2 - Apresentando as entrevistadas

Dei a cada uma das mulheres um nome fictício. Nesta apresentação objetivei traçar um breve perfil de suas trajetórias de vida e dar, a cada uma delas, um lugar especial e diferenciado neste estudo pois, suas falas, seus pensamentos, seus desabafos e todas as emoções vividas durante realização

das entrevistas foram a matéria prima desta pesquisa. A pequena composição de suas histórias de vida, unida às suas falas, serve para dar um contorno imaginário a estas mulheres.

Ana Amélia, 51 anos, natural do Rio de Janeiro. Aos 23 anos decidiu morar sozinha. Acha que essa atitude marcou a sua vida de forma positiva, pois, rompeu um laço familiar que, em alguns aspectos, não a agradava. Estes aspectos não foram mencionados. Aos 27 anos, casou-se e esta união já dura 22 anos. Tem três filhos solteiros de 22, 21 e 16 anos de idade. Todos residem na mesma casa. Trabalha com o marido em uma empresa e não desenvolve atividade na área de sua formação. Não tem neto. Diz sentir-se realizada, ter um casamento bem equilibrado, com filhos tranquilos. Relata, entretanto, ter um *“lado fraco”*, uma frustração profissional, pois, gostaria de ter tido uma vida profissional com projeção. Espera conseguir ainda se realizar profissionalmente, pois, gostaria de ser uma profissional em que *“eu fosse uma estrela”*.

Ana Beatriz, 57 anos, nasceu no Rio de Janeiro e passou sua infância no Paraná, retornando ao Rio de Janeiro com nove anos. Tem quatro irmãos mais velhos, sendo duas irmãs e dois irmãos. Seu pai morreu quando ela tinha 13 anos de idade. Após a morte de seu pai, sua mãe estabeleceu uma nova relação e Ana Beatriz foi internada em um colégio, onde ficou até os 17 anos, o que lhe causou grande revolta. Acredita que este fato ainda a impede de manter com a mãe uma boa relação. Apesar de não ter oficializado um casamento, manteve três relacionamentos considerados estáveis. Em uma dessas relações teve um filho, separando-se logo após o seu nascimento. Relata ter sido inteiramente responsável pela criação, educação e manutenção de seu filho. Com um outro homem, conviveu durante seis anos. É aposentada há 11 anos e continua trabalhar na área de sua formação profissional. Referiu que após sair do colégio interno, viveu intensamente a liberdade conquistada pelas mulheres de sua geração. Acredita ser de uma geração privilegiada por participar da movimentação política de sua época, dos tempos da Bossa Nova, do Cinema Novo, dos Beatles, enfim, do *‘boom’* cultural dos anos 60.

Clarisse, 56 anos, natural do Espírito Santo. Veio para o Rio de Janeiro com 11 meses de idade. Tem duas irmãs. Viveu durante a infância algumas limitações, superadas pela incansável força do trabalho de seu pai contando, também, com a colaboração de sua mãe. Seu pai exerceu grande influência em sua vida, inclusive em sua formação e escolha profissional. Foi por ele, através das brincadeiras de trocas de versinhos para a comunicação sobre os acontecimentos cotidianos, estimulada para a arte de escrever. Era também com ele que *“ficava nas pedras filosofando”*. Casou aos 21 anos com seu primeiro namorado. Desta união teve um casal de filhos, já casados. Há 14 anos vive uma outra relação sem, entretanto, partilharem a mesma residência. Apesar de aposentada continua a trabalhar, mas também aproveita o tempo *“para fazer coisa que antes não tinha tempo”*. Investe em novos aprendizados e a cada dia descobre em si coisas importantes que desconhecia – *“são novas forma de investimento”*. Define-se como uma pessoa emotiva. Até hoje, quando alguma dificuldade lhe acomete, através dos passarinhos, borboletas e esperanças, presentifica seu pai que já partiu. Presentifica-o, também, a cada poesia que escreve.

Cláudia, de 50 anos é natural do Rio de Janeiro e vem de uma família com cinco filhos. Casou-se aos 23 anos e há 28 anos está casada, não tendo vivenciado separação. Tem dois filhos solteiros que vivem com ela e o pai. Não tem neto, mas expressa seu grande desejo de ser avó. Atualmente está aposentada e trabalha em outra atividade. Fazendo uma avaliação de sua vida se apresenta como uma pessoa feliz e resolvida. Destaca que apesar dos atropelos vivenciados com os filhos e com o marido, se voltasse atrás, com a mesma experiência que tem hoje, faria tudo exatamente igual, ou seja, *“casaria com o mesmo homem e teria dois filhos”*.

Dora, 56 anos é natural de Minas Gerais. Sua família é numerosa, com hábitos e costumes interioranos. Seus pais eram analfabetos. Morou em São Paulo e veio sozinha para o Rio de Janeiro há 30 anos. Aqui se casou e teve um filho. Este casamento durou 14 anos. Separou-se em 1988, tendo seu ex-marido, falecido após a separação. Relatou ter sido a separação muito traumática pelos acontecimentos que a deflagrou, mas também, por achar que seu casamento

seria para a vida toda, vivenciando uma fase de depressão. Após a separação ficou algum tempo sem estabelecer nenhuma relação. Depois teve alguns relacionamentos “*relâmpagos*”. Outros duraram dois anos, sendo experiências agradáveis. Atualmente mantém uma relação que já dura aproximadamente nove anos, sem, no entanto, coabitarem a mesma residência. Esta formada há 18 anos, não é aposentada e trabalha na área de sua formação. Define-se como uma pessoa bem humorada o que a ajuda a vivenciar as dificuldades que porventura ocorra ao longo do dia.

Elisabeth, 57 anos, é natural de São Paulo. Foi filha de pais desquitados na década de 50, “*coisa absurda na época*”. Teve uma adolescência morando com a mãe e avós maternos, pois segundo relata, “*naquela época as mulheres separadas voltavam para a casa dos pais*”. Por conta desta situação viveu uma espécie de “*desvio*” da estrutura familiar tradicional. Ao ingressar na faculdade se engajou no movimento estudantil, tendo uma participação ativa no movimento político – “*vivi no movimento estudantil, perdi todos os amigos, todo mundo foi exilado, me escondi um tempo*”. Teve sua juventude marcada pelas idéias libertárias feministas. O primeiro casamento durou quatro anos e teve um filho, atualmente, casado e com 35 anos. Separou-se ainda jovem e foi da primeira geração de “*mãe que namora*”, da “*crença na contracultura*”, de não pactuar com valores hipócritas e ser coerente consigo mesma, com seus sentimentos. O segundo casamento durou seis anos e o terceiro casamento três anos e meio. Na sua quarta relação permaneceu casada por 16 anos. Há três anos vive uma nova relação, mas cada um mora em sua casa. Tem uma vida profissional ativa. Tem um neto e diz que ele é “*uma coisa boa de sua vida*”. Define-se como “*sempre insatisfeita, sempre acho que podia mudar, tenho que me repensar diferente*”.

Eugênia, 50 anos é natural de Volta Redonda. É a 6ª filha de uma prole de 10. Relata ter tido uma infância ótima, com terra, bicho, bagunça - “*Uma vida que hoje em dia não existe mais*”. Saiu de Volta Redonda com 15 anos e morou em São Paulo. Na época do vestibular veio, com duas irmãs, morar no Rio de Janeiro. Na universidade foi também atleta semiprofissional. Lá conheceu seu marido e diz “*parei de jogar por causa dele, porque ele não gostava*”. Tomou

esta decisão por amor e porque, naquela época, não acreditava no esporte. Está casada há 25 anos e desta união teve dois filhos, sendo uma moça de 24 anos já casada e um rapaz de 19 anos, solteiro. Está formada há 27 anos e sempre exerceu a profissão ligada à sua formação. Disse que uma característica de sua vida é a de procurar manter as coisas que tem, mas, ao mesmo tempo gosta de estar sempre começando alguma coisa nova. Definiu-se hoje como: *“matando um leão por dia, porque eu tenho uma ânsia muito grande de concretizar um monte de coisas”*.

Isabel, 53 anos, nascida no Rio de Janeiro. Teve cinco irmãos e foi criada sob forte repressão. Relatou ter vivido sua infância em um ambiente hostil e agressivo, destacando essa situação como uma experiência traumática. Sob a repressão familiar disse ter passado a fase da adolescência com grandes e contundentes embates familiares. Casou-se aos 18 anos e separou-se aos 21. Logo depois se uniu a um outro homem. Desta união teve dois filhos, já sendo estes formados. Viveu uma segunda separação, permanecendo por alguns anos *“só namorando”*. Após esta segunda separação formalizou uma terceira união estável, que durou 12 anos. Há cinco anos está separada não tendo a intenção de novamente manter uma relação nos moldes das relações anteriores. Tem um neto. Relata ter enfrentado muitas adversidades para concluir seus estudos e na vida de uma forma geral. Sempre desenvolveu atividade profissional na área de sua formação. Não é aposentada. Devido à ostensiva repressão paterna, caracterizou-se, durante o período de sua juventude, como uma *“transgressora”*, pois, vivia *“ousadamente”* desafiando os valores e as normas familiares – *“deixava meu pai enlouquecido”*, contou Isabel. Atualmente, já independente e distante das pressões vividas na juventude, relembra os fatos de forma humorada: *“era uma guerra”*.

Isadora, 50 anos, natural do Paraná. É solteira, mas vive com um companheiro há dois anos. Perdeu seu pai muito cedo, sendo sua mãe também já falecida. Tem um irmão. Teve uma infância e uma adolescência muito sacrificada por

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)